



# A Illustração Portuguesa

## SEMANARIO

### REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellef; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Silva Pinto; Thomas Ribeiro; Visconde de Monsarav; Visconde de Benalcanfor, etc.

## SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por Santilhana; *Victor Hugo (traços retrospectivos)*, por D. Guiomar Torrezão;—*Uma pagina em branco*, versos, por Eça de Almeida;—*Os italianos em Massuah*, por Pinheiro Chagas;—*O prego (causa célebre)*, trad. de Alfredo Gallis;—*Perfis: Clara*, versos, por Luiz da Silva;—*As nossas gravuras*;—*Dignidade*, conto, por D. Adelina Samora de Almeida;—*Os oculos verdes*, conto, por Castor;—*Camillo Castello Branco*, (continuação), por Alberto Pimentel;—*Em familia (Passatempos)*;—*Um conselho por semana*;—*A rir*.  
GRAVURAS:—*Augusto Maquet*;—*Praca do Commercio de Lisboa*;—*O Pescador*;—*Modas*;—*Quadro infantil*.

## CHRONICA

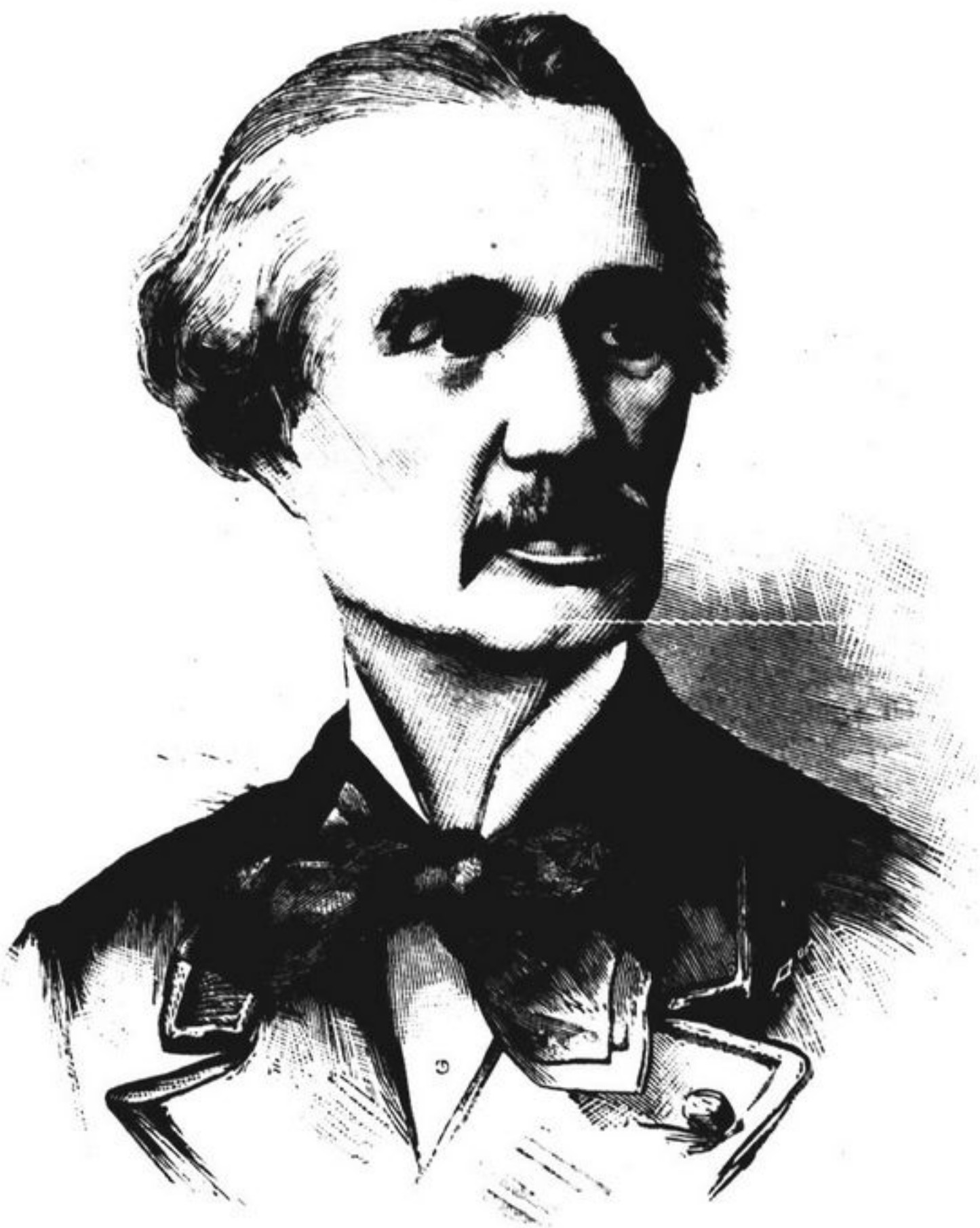
E o governo... fica!

Podera não ficar, com estes dias esplendrosos de primavera temporã, em que a poeira d'ouro do sol e o perfume estonteador das flores se entrechocam no espaço, soltando vibrantes gargalhadas de luz!

Faz o governo muitissimo bem.

Perguntado pelos centros da provincia sobre quaes são os seus propositos, o sr. José Luciano, a despeito de o apegarem, responde impavidamente: — eu! fico.

Corre logo pressuroso o sr. Marianno



AUGUSTO MAQUET

e diz muito á boa paz, em reforço a Murillo de Castro: — ainda que me esquarterassem, ficava.

Vem depois á estacada o sr. Navarro, e exclama: — podem arrazar-me o chalet, de modo a que não reste pedra sobre pedra, e eu... ficarei.

Salta do lá o sr. Henrique de Macedo, ainda estremunhado de ter feito uma soneca, e diz, espreguiçando-se: — já que todos ficaram, também eu fiquei.

O sr. Beirão, um pimponete, jura sobre os seus codigos que, embora lhe crescesse o nariz mais um palmo... ficaria.

O sr. Barros Gomes, pondo seraficamente os olhos em alvo, exclama, cheio de uncção divina: — o que diria a Santa Sé se eu não ficasse!

No fim de todos, chega o sr. visconde de S. Januario, ainda pallido e convalescente, com ares de quem não vem muito disposto a metter-se em cavallarias altas, e mostra desejos de não ficar, porque emfim, um homem não é de ferro; mas os collegas, furiosos, gritam-lhe á ura: — fique!

E o governo... fica. Ficou-lhe de pequeno o sestro de conjugar este verbo em todos os tempos. E' o seu mot d'ordre, o seu cavallo de batalha, a sua scie, o seu estribilho, o seu bordão. Gayarre tinha o *spirito gentil* da Favorita para lhe dar celebridade. Theodorini tem a *Gioconda*. A actual situação progressista tem o alegre do fico: — Io resto..

E fica-se.

Ora eu, francamente, não vejo n'isto motivo para censuras nem objurgatorias. Pelo contrario. O ficar, é proprio das grandes coragens. O fugir, é peculiar das grandes fraquezas.

Agitam-se feroz e desordenadamente as populações de Cantanhede, da Madeira, da Mealhada, do Pombal, da Anadia, de Oliveira do Bairro, de Moncorvo, de Villa Flôr, de Carrazeda de Anciães?

Lançou-se fogo á casa do sr. José Luciano, no Luso, e arremessaram-se umas bombas de dynamite aos estuques do chalet do sr. Navarro?

Ha tumultos, desordens, ferimentos e mortes por todo o paiz?

Não reina a paz na *Braccara Augusta*?

Pois é por isso mesmo que os ministros ficam. Valentes e destemidos até ali! Das grandes almas, a nobreza é essa. O contrario seria covardia, e não está nas tradições do nobre presidente do conselho uma tal pécha, mesmo que lhe untem d'agua-raz a porta do solar, com intuitos incendiarios.

A chronica, se alguma coisa tem que censurar ao governo, é o seu estoicismo exaggerado, é o excesso da sua temeridade, é a superabundancia do seu valor, n'uma epoca de egoismo e de fraquezas, em que, quem mais faz, menos merece.

Porque, emfim, esta impavidez governativa chega a ser cavalleiresca; faz lembrar os tempos de Martim de Freitas e de Geraldo Sem Pavor.

O denodo do sr. Beirão diante das circulares do arcebispo de Larissa, é verdadeiramente heroico.

A serenidade do sr. José Luciano em face dos tumultos de Braga, assombraria todos os santos martyres havidos e por haver.

— Tocam a rebate os sinos da cidade canonica? pergunta elle ao governador civil respectivo. Pois arranque-lhes os badalos.

Os badalos! Vejam isto!

Pelo que toca aos sediciosos, não sabemos ainda se lhes mandou arrancar alguma coisa, mas é de querer que sim. Sobeja-lhe valor para muito mais.

E vem ainda o sr. Vaz Preto dizer que todos os ministros juntos não valem uma gota de sangue do povo!

E os badalos de Braga?

Canonisados, é que estes srs. ministros deviam ser. Homens da sua laia, varões do seu estofo, não se fizeram só para figurar no *Diario das Camaras* e nas recepções do Paço; nasceram para illustrar as paginas do *Flos Sanctorum*.

De menos feitos, de menos heroismo, de muito menos valor reza a historia, no tocante á vida dos tres padres jesuitas, João Berckmans, Pedro Claver e Affonso Rodrigues, e Leão XIII acaba de os fazer santos, a todos tres, d'uma assentada, do alto da sua *sedia gestatoria*, por entre as cantatas dos velhos arcebispos e o badalar solemne dos sinos das quatrocentas igrejas de Roma.

Ora as gazetas estrangeiras não dizem que nenhum dos tres santos, com ser santo, tivesse a coragem de se erguer do tumulo e de mandar arrancar os quatrocentos badalos dos sinos da Cidade Eterna.

D'isto, só o sr. José Luciano foi capaz, em Braga, cidade pouco mais ou menos eterna do que Roma.

E o Papa ainda não se dignou canonisar este bemaventurado, este martyr, que tem feito, sobre espinhos e urzes, a peregrinação da Anadia até á presidencia do conselho e á chefatura do partido progressista, com bilhete de correspondencia tomado na rua dos Navegantes.

Está sendo d'um desprimor e d'uma falta de justiça muito condemnavel, o Summo pontifice, para com os bemaventurados da politica portugueza!

Peis que nos conste, Pedro Claver, o jesuita hespanhol, não levou a barra, em materia de santidade, ao nosso beatificio ministro dos negocios estrangeiros. Evangelisou os indios do Novo Mundo? Também o sr. Barros Gomes prega o Evangelho entre os barbaros da maioria parlamentar, e teve artes de converter ao christianismo outro Barros, que era rabino dos quatro costados,—o sr. Barros e Sá.

Além dos tres jesuitas citados, o Papa canonisou também sete servitas, que viveram no seculo XIII.

Conta-se d'elles que tiveram um dia uma apparição celeste. Vae d'ahi, venderam os seus bens, abandonaram o mundo e retiraram-se para o cimo d'uma montanha deserta, onde fundaram uma ordem religiosa.

A sua vida foi uma vida collectiva de mendicidade, de rezas, cilicios, sacrificios e jejuns.

Tal qualmente o que succede aos seis servitas do governo. Uma vida de penuria, de jejuns e de sacrificios. Abandonaram o mundo, e retiraram-se para o alto das arcadas do Terreiro do Paço—coitadinhos! De quando em quando, evangelisam, de bordão na dextra e romeira concheada nos hombros, pelos sertões do Busaco e do Luso, sustentando-se das raizes das plantas bravas e do orvalho do ceu.

Os herejes apedrejam-n'os, as multidões açoitam-n'os, e elles, sempre valorosos na sua fé, sempre estoicos, sempre firmes e impavidos, deixam bramir a população, e... ficam-se!

Mas agora muito a sério: nós, no logar d'elles, também ficavamos.

Que mal vae n'isso ao mundo? O Carnaval bate-nos á porta, e que não batesse, em carnaval permanente deslisa para nós a vida. Uma entrudada de mais ou de menos, pouco importa.

Nada do que se vê por ahí é serio, nem mesmo a preconisada agitação no paiz e os *meetings* de resistencia contra a marcha governativa. Bem se lhe dá o paiz dos actos do governo! Cada qual diverte-se como pode, e *buona va la danza*. Uns fingem que governam, e outros simulam que resistem e combatem.

Faz o governo muito bem em ficar. Também eu por aqui me fico.

# VICTOR HUGO

(Traços retrospectivos)

Os mortos vão depressa, diz a ballada, e nem sequer os predestinados, em torno dos quaes a gloria projecta a inextinguivel luz da immortalidade, escapam á lei fatal do transformismo, que tudo anniquila e metamorphoseia, que derruba hoje para reconstruir amanhã, e que depois de atirar á insaciada gula dos vermes o nosso misero despojo humano, apaga, inexoravel, na memoria dos que sobrevivem, a chamma reflexiva do nosso espirito.

Poucos se lembram dos pobres mortos que se somem ao longe, por entre as densas brumas da eternidade, arrastando na gleba humida das sepulturas os seus brancos sudarios, ainda gotejantes das ultimas lagrimas.

O grande festim da vida embriaga os convivas, e no delirio do evohé, na effervescencia do prazer, na palpação dos jubilos, que voam como um doido enxame de phalenas attrahidas pela luz que ha de em breve queimar-lhe a aza, ninguem ouve o baque dos corpos que resvalam, a surda pancada das lousas que se fecham.

Vem depois o esquecimento, a segunda mortalha, e tudo desaparece arrastado nas dobras impenetraveis d'esse gelido manto, mais frio ainda do que o cadaver que elle occulta.

Vamos hoje arrancar ao silencio feito em torno de um grande e glorioso morto, Victor Hugo, alguns rapidos traços, por ventura ignorados, das duas fases da sua existencia, tão ostensivamente brilhante e tão ineffavelmente patriarchal: a vida do escriptor, e a vida do homem.

Este, que vou esboçar, ouvi-o eu á esculptora madame Gegoux, no seu elegante atelier da rua Bertin, em uma bella manhã do mez de junho, enquanto ella modelava com as suas pequeninas mãos de parisiense, nervosas, leves e habeis, o vigoroso e expressivo busto de Vacquerie.

Como se sabe, madame Drouet foi a constante e dilecta amiga de Victor Hugo, á morte da qual o poeta sobreviveu apenas um anno.

Um dia, Victor Hugo tentou evadir-se na borboleteadora aza do capricho á doce pressão d'esse captiveiro.

O novo idolo impozera ao poeta o holocausto do culto antigo. Madame Drouet sentiu que lhe fugia o adorado coração, cuja posse ella conquistara a troco de toda a sua vida; espiou a grande creança encanecida, e surpreendeu-o, uma manhã, entrando para um omnibus, acompanhado da sua rival.

A evidencia da perfidia do homem que ella suppunha superior a todos os homens, e isento de todas as maculas terrenas, enlouqueceu a infeliz.

Madame Drouet absorveu um vidro de laudano; quando a faculdade logrou salvá-la, restituindo-a aos braços do seu arrependido infiel, Victor Hugo foi condemnado a viver na intimidade, por espaço de dois annos, como o fantasma da sua traição, uma mulher verdel

Victor Hugo alludiu, em um dos seus livros, á rua das Feuillantines e a um enorme e mysterioso jardim, afogado nas sombrias ramagens do arvoredado, que tanto o poeta como seu irmão mal conheciam.

O jardim não era cultivado.

As creanças não tinham licença de ultrapassar nos seus passeios certos limites, assignalados por uma capella em ruinas.

N'essa capella, occultava-se o proscripto Victor Fanneau de Lahorie, condemnado á morte pelos tribunaes do imperio.

Os muros do jardim formavam uma espessa muralha em torno d'esse reducto.

Um dia, Victor, ainda creança, viu sair da massa do arvoredado uma soberba, altiva e viril figura de homem.

Era Lahorie, proscripto do imperio, que achara um refugio em casa do general do imperio, o conde Hugo.

O proscripto estendeu a mão sobre a cabeça do pequeno Victor, que tremia de medo, e disse-lhe: — Não te esqueças! Antes de tudo: a liberdade!

Decorridos alguns annos, Victor Hugo e sua mãe passaram pela frente da igreja de S. Jacques du Haut-Pas. A' porta, estava afixado um cartaz.

Madame Hugo parou e disse ao filho:

—Lá.

O cartaz continha estas palavras:

«Imperio francez»

«Por sentença do primeiro Conselho de guerra foram fuzilados na planície de Grenelle, por haverem conspirado contra o imperio e o imperador, os tres generaes Malet, Gu dal e Lahorie.»

—Lahorie, disse a mãe de Hugo. Recordá-te d'este nome. E accrescentou:

—E' teu padrinho.

Esta aventura gravou-se indelévelmente na alma juvenil da creança. O poeta não esqueceu nunca nem o nome, nem a vibrante palavra que elle symbolisava. Victor Hugo amou os proscriptos desde a infancia, elle, que deveria ser, no futuro, o maior de todos os proscriptos.

Durante o tragico cerco de Paris, Victor Hugo foi brindado com o mais raro e precioso de todos os presentes: um pastelão. Mas o contheudo que se occultava no loiro folhado, não parecia inteiramente orthodoxo.

O pastelão fôra feito por um salchicheiro da visinhança, cujo estabelecimento passava por ser frequentado por uma clientela de damas mais ou menos equivocas; tudo indicava que a massa deveria ter absorvido uma temivel hecatombe de ratos. Nem por isso o poeta recusou o succulento manjar, glorificado pela sua musa em quatro esplendidos versos:

O mesdames les hétaires,  
A vos dépens je me nourris.  
Moi, qui mourrais de vos sourires,  
Je vais vivre de vos souris.

Uma amavel e caridosa mulher e uma artista de raça, madame Paul Meurice, que poucos dias sobreviveu ao Anno terrivel, assumira a piedosa tarefa de intermediaria e distribuidora das esmolas do poeta. Um dia, madame Paul Meurice veio contar a Victor Hugo, que uma pobre mulher, que ella conhecia, chegara ao derradeiro extremo da penuria.

O mestre, commovido, entregou-lhe cem francos.

Quatro libras, n'aquelle tempo, representavam muitas semanas de um bem estar relativo. Foi pois com surpresa, que Hugo ouviu madame Paul Meurice dizer-lhe, no dia immediato:

—Sabe que Luiza está na mesma desgraça?

—E os cem francos de ante-hontem?

—Distribuiu-os pelas pobres mães e pelas creanças desvalidas, que succumbem á fome e ao frio.

—Perfeitamente, approvou o poeta. Aqui tem outros cem francos, que lhe entregará, mas com a expressa condição de guardal-os para si.

A sr.<sup>a</sup> Meurice depoz nas mãos de Luiza o dinheiro, transmittindo-lhe a recommendação que lhe fôra feita.

—Este dinheiro é só para si, não se esqueça.

—Não posso então dispor d'elle? perguntou Luiza.

—Unicamente em seu beneficio.

—N'esse caso, queira devovel-o a Victor Hugo, a quem agradecerá, em meu nome, as suas boas intenções.

—Não, voltou a senhora um pouco perturbada, tomo a responsabilidade de entregar-lhe o dinheiro sem condições. Mas, realmente, a senhora é teimosa.

Esta teimosa, chamava-se Luiza Michel.

Uma condessa, tão infeliz quanto importuna, instalou-se certa manhã na ante-camara de Victor Hugo, declarando que não sairia enquanto o poeta não desferisse o seu pedido. A espectativa da turbulenta mendiga titular effectuou-se por entre uma saraivada de recriminações e queixas. Victor Hugo enviou á condessa vinte francos, embrulhados em um bilhete onde se liam estes quatro versos:

Voici mon louis, comtesse,  
Quoiqu'on puisse, en verité,  
Manquer à la charité  
Qui manque de politesse.

Como se sabe, Victor Hugo gostava de contemplar o seu querido Paris do alto das imperiaes dos omnibus. Frequentes vezes, o poeta absorvia-se nos seus sonhos, voava em espirito para as ignotas regiões, inacessiveis ao vulgo, d'onde nos trazia os seus poemas geniaes, os seus radiosos alexandrinos, como que nimbados no azul do ether, e esquecia tudo e todos que o rodeavam.

—Ah! meu caro senhor, vou esta noute ter o meu decimo segundo.

—Qual decimo segundo? perguntou Hugo acordando de subito, ao som da voz trovejante de um homem, assentado ao seu lado.

—Ainda não sei onde poderei alojal-o, continuou o homem, curvando-se para o poeta, surpreendido. Sem contar com o sustento.

—Deze filhos! concluiu Victor Hugo. Em seguida, voltando-se para o seu interlocutor: — Dou-lhe os meus parabens.

—E' preciso ter olho vivo e pulso solido, insistiu o fallador, seguindo a idéa que o preocupava. Os pequenos são obedientes, mas só se domesticam a força de pancadas.

—Que diz o senhor? exclamou, indignado, o autor da *Art d'être grand père*.

—Não ha outro meio. A principio, custou-me. Afinal, habituei-me. O chicote é o unico argumento.

—Pois o senhor atreve-se a dizer que chicoteia os seus filhos? bradou o poeta, rubro de colera.

—Os meus filhos? Os meus lções, meu caro sr., os meus lções! A lçoa vai hoje dar á luz o decimo segundo...

—Ah! respirou Hugo, encantado; então o sr. é?...  
—Pezon, o domador de leões; toda a gente me conhece.

Alguns dias depois, Vitor Hugo acompanhava ao Père Lachaise a boa e encantadora senhora Paul Meurice.

O poeta caminhava com a cabeça descoberta, seguindo ao longo dos boulevards exteriores, embrulhados nas brumas glaciaes de um dezembro rispido, oppresso por um céu encarvoado e lugubre.

De subito, passou atravez do cortejo funebre, como uma dolorosa ironia do acaso, um confuso e estridente ruido de rugidos, de gargalhadas, de tambores e trombetas.

Era a explosão da alegria popular tripudiando na feira de Belleville, situada a distancia de um kilometro.

As barracas dos saltimbancos, vibrantes do grito alcoolico dos palhaços, das piruetas das acrobatas bezuntadas de vermelho e salpicadas de lantejoulas; os grupos movimentados dos curiosos, abancados á porta das tascas, surgiram de repente no meio do enterro, interrompendo violentamente o profundo e religioso silencio da morte.

O cortejo passou ao lado da jaula dos leões, onde acabára de entrar o domador Pezon.

N'essa occasião, os leões, enfurecidos, soltaram um rugido medonho.

Victor Hugo, mergulhado na sua dor, permaneceu impassivel.

Dois operarios, que conversavam em frente da *ménagerie*, conheceram o poeta. Um d'elles disse:

—Ouves? Rugiram quando aquelle leão passou.

GUIOMAR TORREZÃO.

## N'UMA PAGINA EM BRANCO

(A.)

Bem como nasce rico de esplendor  
O sol fulgente na amplidão do céu,  
Apenas eu te vi, o meu amor  
Nasceu!

Amei-te sempre religiosamente  
E, ao vêr que o teu amor era só meu,  
Esta paixão, de si já tão ardente,  
Viveu.

Vi-te depois, no dia do noivado,  
Toda de branco, envolta no teu véu,  
E este amor que te havia dedicado  
Cresceu!

Meu pobre coração que tu conheces  
E que a tua alma angelica escolheu,  
Nem um desgosto só que tu lhe desses  
Soffreu!

E, ao vêr que eras tão boa, eu disse então:  
«No meu peito, querida, que é só teu,  
O amor não morrerá!» — e elle inda não  
Morreu...

Lisboa, 25—1—88.

EÇA DE ALMEIDA.

## OS ITALIANOS EM MASSUAH

Seguindo o plano adoptado por nós, de termos os nossos leitores ao facto dos acontecimentos importantes que vão occorrendo por esse mundo e de que os periodicos diarios apenas lhes dão umas informações incompletas, em telegrammas muitas vezes incompreensíveis para quem não está senhor do fio dos successos, vamos hoje contar-lhes como é que a Italia se achou mettida n'aquelle vespeiro da Abyssinia, de que difficil lhe será sair airosoamente.

Desde 1870 que uma companhia italiana de navegação, a companhia Rubattino, comprára terrenos nas margens do mar Vermelho. Vendo o governo italiano que a Inglaterra dominava n'essas paragens por estar de posse de Perin de Aden, e que a França

tambem já adquirira Obock, entendeu que devia tambem tomar posição, e como o commandante do *Esploratore* tivesse visto que Assab e Bonhis eram dois portos excellentes, negociou com o sultão Ibrahim a compra da ilha de Sannabor. Estabelecendo-se em Assab, a Italia ao mesmo tempo enviava expedições para o interior da Abyssinia, que eram todas infelizes. A expedição Giuletti-Biglieri, que partiu em maio de 1881, foi victimada; a expedição Bianchi teve pouco depois a mesma sorte. Entretanto a Italia reunia Assab ás aquisições feitas pela companhia Rubattino e declarou-a solemnemente colonia italiana em 1882.

Estava na posse pacifica d'esse territorio, que não era uma joia, quando se deram em 1885 os successos de que resultou a morte de Gordon. A Inglaterra entendeu que a Italia a podia auxiliar na empresa de salvar o coronel, e enquanto os seus generaes Stewart e Earle marchavam para Khartoum subindo o Nilo, pediu que uma columna italiana avançasse de Massuah ou de Suakim na mesma direcção. Foi com esse fim que, no dia 21 de janeiro de 1885, uma columna de 800 homens partiu de Napoles, de baixo do commando do coronel Saletta.

A 5 de fevereiro de 1885 chegava a expedição italiana a Massuah; entretanto, porém, caíra Khartoum, morrera Gordon, mas a Italia, que achava que Massuah era muito melhor do que Assab, tomara conta da cidade, pondo fóra, com muita sem-ceremonia, a guarnição egypcia. Esse facto não tinha importancia, desde o momento que a Inglaterra estava de accordo com a Italia, e era a Inglaterra quem dominava no Egypto.

Massuah é uma terra commercial, mas de um clima insupportavel para um Europeu. O calor é de tal ordem que o thermometro chega a marcar 54° á sombra. Comtudo, a Italia estava muito satisfeita com a sua expedição, e dias depois da partida do coronel Saletta, partia o tenente-coronel Leitenitz com mais reforços, que chegavam a Massuah no dia 24 de fevereiro, e a 5 de março chegava enfim o general Ricci com um reforço de 1.600 homens, o que elevava as forças italianas no mar Vermelho ao Algarismo já consideravel de 3.200 homens, estando 2.850 em Massuah, e 350 em Assab.

Immediatamente se tratou de se fazerem estradas, de se ligar por um cabo sub-marino Massuah com Aden, e por Aden com a Italia. Fizeram-se enfim todos os preparativos para se estabelecer alli solidamente o dominio italiano.

E, para mais solidamente se estabelecerem, fóram-se alargando tambem, occuparam Arafali em abril, e a corveta *Ancona* desembarcou em Arkko uma companhia que occupou a ilha.

Afinal a 1 de maio constituiu-se a esquadra italiana do Mar Vermelho, composta de 3 corvetas, 2 transportes, 3 avisos e 6 torpedeiros. Foi então que, desejando alargar cada vez mais o seu dominio, a Italia estabeleceu o seu protectorado em Kassachill e em Mader, onde ha minas de sal gemma.

Comçou o negus a achar estranhos e um pouquinho impertinentes esses visinhos, e quando o governador da Abyssinia italiana, que era agora o general Ricci, lhe enviou o sr. Pozzolini para entabolar com elle relações, o negus, tomando um pretexto qualquer, não o recebeu.

Ao mesmo tempo uma nova missão italiana, dirigida pelo conde Porro, tinha a mesma sorte que as de Giuletti-Biglieri e de Bianchi.

Não se pode ser mais infeliz do que são os italianos no interior da Africa.

Procurou ao menos o governo italiano relacionar-se amigavelmente com os regulos que o rodeiam, e quiz ver se captivava o Ras-Aloula. Este, porém, depois de se ter primeiro mostrado accessivel, retrahiu-se, e não tardou a mostrar-se manifestamente hostil.

O anno de 1886 correa tranquillo, mas no principio de 1887 romperam de subito as hostilidades. O governador italiano era agora o general Gené. Ras-Aloula attrahiu á sua côrte, se assim podemos dizer, tres viajantes italianos, o conde Salimbeni, o major Piano e o tenente Savoiraux, e declarou ao general Gené que os não soltaria, sem elle abandonar o posto de Ouia, que occupára em 1886. Essa occupação já déra origem a algumas escaramuças entre os bachi-bozoucks, uns irregulares egypcios, que passaram ao serviço da Italia, e umas tribus africanas. Fóra essa occupação tambem que irritára acima de tudo o negus.

Longe de abandonar esse posto, o general Gené reforçou-o e no dia 18 de janeiro mandou para Monkoulla o tenente-coronel Cristoforo com tres companhias de infantaria e uma secção de artilharia.

A 25 de janeiro, Ras-Aloula marchou sobre Saati, outro ponto occupado pelos Italianos, com 6.000 homens. Foi repellido, depois de tres horas de combate, pelos Italianos, que, bem entrincheirados e bem armados, apenas perderam 4 homens. Mas em campina rasa era outro caso, e no dia 26 de janeiro o tenente-coronel Cristoforo, que saíra de Monkoulla com uma columna de cerca de 500 homens, e marchava em soccorro da guarnição de Saati, encontrou ao pé d'esta aldeia uns 20.000 indigeas que o envolveram completamente, e só deixaram escapar 82 feridos, que, antes de terminar o combate, poderam ser enviados para Massuah. O resto da columna foi toda sacrificada.

Morreram alli ou em combate, ou assassinados depois d'elle acabar, 407 soldados e 23 officiaes.

O desastre era completo, mas fôra honroso para os Italianos, que sustentaram uma luta de oito horas, e que deixaram tão fatigados os indigenas, que a guarnição de Saati pôde retirar para Mankoulla com as bagagens e a artilheria. A guarnição de Ouia também retirou depois de ter enterrado as peças.

Este desgraçado combate, que tomou o nome de combate de Dogali, por assim se chamar a aldeia junto da qual se travou, e que fica a meio caminho de Mankoulla e de Saati, produziu na Italia uma impressão terrivel. O sentimento do brio nacional foi vivamente excitado, e a Italia principiou a arrojarse para a Abyssinia a flôr do seu exercito.

A 2 e a 8 de fevereiro partiam de Nápoles, successivamente, dois transportes com 1.600 soldados e 60 officiaes, uma secção de artilheria de montanha, um destacamento de artilheria de posição, 32 peças para os fortes, e 400 espingardas Wetterli.

No dia 15 de fevereiro partia mais um transporte com 4 peças de 12, e a 23 partiu outro com tres companhias alpinas e uma secção de artilheria de montanha.

No mez de março estava concluido o cabo submarino entre Massuah e Perim, e os fortes destacados d'esta cidade eram unidos entre si por meio de transportes rapidos. Em maio, os dez batalhões do corpo expedicionario eram agrupados em tres regimentos, commandado cada um d'elles por um coronel. Um coronel também commandava o corpo dos bachi-bozouck. Depois, o general Gêné era demittido e substituido pelo general Saletta, o mesmo que, sendo ainda coronel, levára para a Abyssinia as primeiras tropas italianas.

Passou-se o verão de 1887 na inacção, quer dizer sem o governo italiano tirar a desforra dos acontecimentos de Dogali, e sem ousar afastar-se uma pollegada do territorio a que se restringira. Logo que principiou o inverno começou a remessa de tropas. Em dezembro de 1887 as forças italianas na Abyssinia elevavam-se a 17.630 soldados regulares com 730 officiaes e uns 200 bachi-bozouck. O general Saletta pediu a demissão, e foi substituido pelo general de San-Marzano, que estava commandando a divisão de Alexandria. E' um dos generaes mais novos do exercito italiano, porque nasceu em 1830. Foi um dos mais brilhantes officiaes do corpo de estado-maior.

Ultimamente transmittio-nos o telegrapho a noticia de ter partido de Nápoles mais uma brigada italiana. Hoje em Massuah não estão menos de 30.000 soldados italianos.

O régus está disposto a expulsal-os, e algumas escaramuças que tem já havido, devem encher-o de esperança. Um enviado inglez, que foi recebido pelo régus cuvin da boca d'elle a :firmção de que não descançaria enquanto não pozesse os italianos fóra da Abyssinia.

O régus dispõe de forças numerosas e que estão muito mais bem armadas do que se imagina. O Ras-Aloula tinha tomado aos Etypiens, em diferentes combates, umas quinze mil espingardas Remington, as espingardas Wetterli tomadas aos italianos em Dogali e 500 carabinas Martini, que mandou comprar. Se é verdade também que tem officiaes russos no seu estado-maior, pode dar que fazer a Italia.

Eis a situação dos belligerantes no momento em que se vai abrir de certo uma campanha séria.

PINHEIRO CHAGAS.

## O PREGO

(CAUSA CÉLEBRE)

XIII

DEUS DISPÕE

No entanto, nada podia fazer, nada podia dizer sem risco de comprometter Zarco.

Suppondo que Gabriella e Branca fossem uma e a mesma pessoa, de que serviria ao desgraçado sabello antecipadamente?

Dissimulei pois a minha inquietação, calli as minhas suspeitas, e ás 4 da manhã segui o juiz, o promotor, o escrivão, o commandante da guarda e um pelotão de curiosos e de officiaes de diligencias, que se dirigiram para o carcere.

XIV

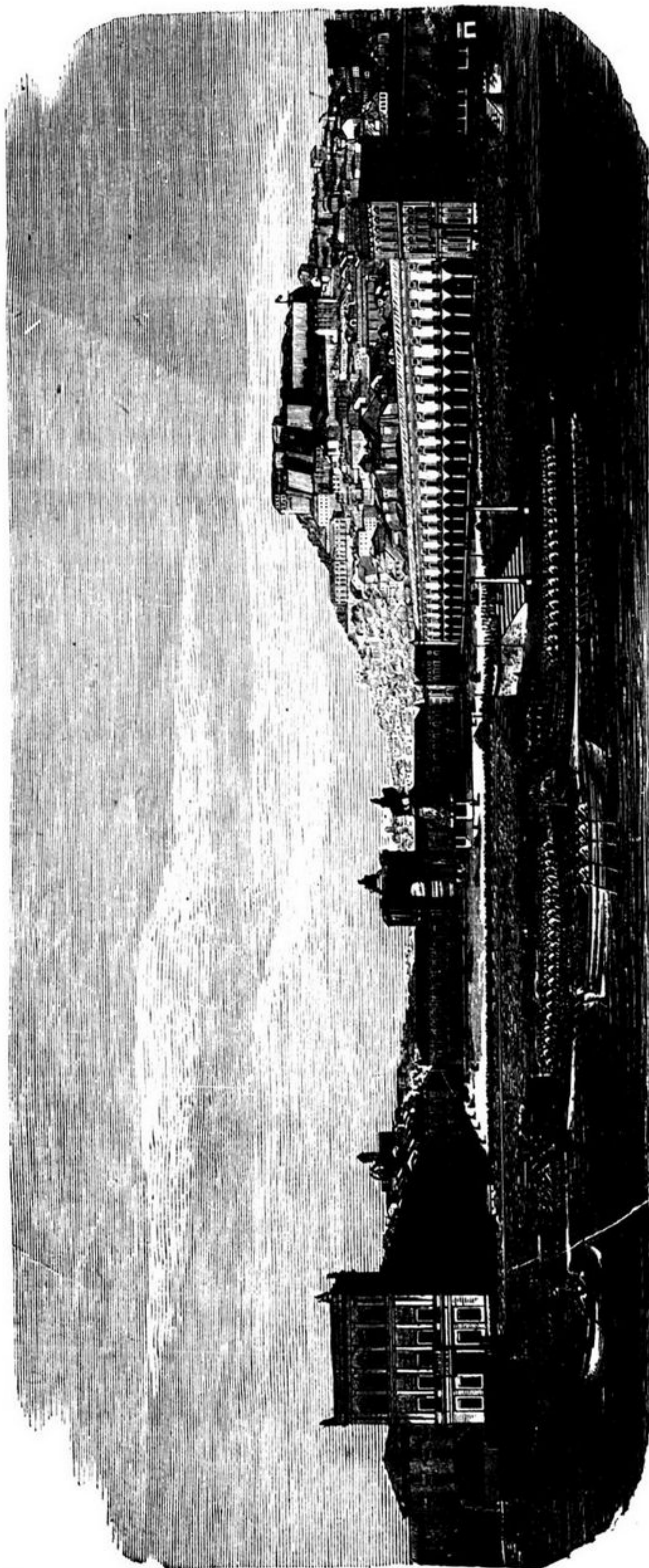
O TRIBUNAL

A sala da audiencia estava profusamente illuminada.

Sobre a mesa via-se uma caixa de madeira pintada de negro,

que continha a caveira de D. Afonso Gutierrez de Romeral.

O juiz occupou a cadeira presidencial, o promotor sentou-se á sua direita, e o commandante da guarda foi convidado, por



defferencia, a presenciar o interrogatorio, visto o interesse que, como a todos, lhe inspirava aquelle ruidoso processo.

O escrivão e eu sentámo-nos juntos à esquerda do juiz, e o administrador do concelho e officiaes de diligencias agruparam-se à porta, encobrendo alguns curiosos a quem influencias politicas e de dinheiro tinham franqueado a entrada no tribunal.

Aberta a audiencia, o juiz tocou a campainha e disse ao administrador:

—Que entre D. Gabriella Zahara.

Eu sentia-me morrer, e em vez de olhar para a porta, olhava para Zarco, afim de poder ler no seu rosto a solução do pavoroso problema que me agitava.

—Subito, vi o meu pobre amigo tornar-se livido, levar a mão à garganta como para estrangular um grito de dor e olhar para mim, como que pedindo-me soccorro.

—Cala-tel signalei-lhe eu levando o indice aos labios. E rapido acrescentei, com a maior naturalidade, como respondendo a uma observação sua:

—Ja o sabia.

O desgraçado quiz levantar-se.

—Senhor juiz, disse-lhe eu então, com tal voz e expressão phisionomica, que elle comprehendeu toda a enormidade dos seus deveres, e dos perigos que corria. Contrahi-se pois horrivelmente, como quem busca supportar um peso extraordinario, e dominando-se por meio d'aquelle esforço cyclopico, o seu rosto tomou a immobildade de uma pedra. A não ser pelo brilho febril dos seus olhos terrivelmente ardentes como as pupillas de diamante d'aquelle monstruoso idolo hindu do pagode de Bendjabb, dir-se-hia que estava morto.

E como homem morto estava. N'elle já não vivia mais que o magistrado.

Quando me convenci de que estava senhor da situação, olhei, como todos, para a accusada.

Imagine-se agora qual a minha surpresa e o meu espanto, ao reconhecer que Gabriella Zahara não era sómente a Branca do meu desventurado amigo, a sua querida de Sevilha, a mulher com quem horas antes se reconciliara na hospedaria do Leão e a quem queria dar o seu nome e ligar o seu destino, mas era tambem a minha companheira de viagem a Granada, o mysterioso n.º 1 da diligencia, e a formosa americana Mercedes de Meridanueva.

Todas aquellas phantasticas mulheres resumiam-se pois em uma só, real e positiva; em uma, sobre quem pesava a accusação terrivel de haver assassinado seu marido.

Estaria esta accusada e sentenciada já á revelia, innocente, ou poderia deffender-se e provar a sua innocencia?

Tal era a minha unica esperança, que devia tambem ser a do meu pobre amigo.

## XV

### O INTERROGATORIO

Gabriella—chamemos-lhe emfim pelo seu verdadeiro nome —estava extremamente pallida, porém tranquilla. Aquella calma era signal de innocencia, ou comprovativa da insensibilidade propria dos grandes criminosos? Confiava a viuva de D. Affonso na força do seu direito ou na fraqueza do seu juiz?

Prompto o saberia.

A accusada não despregara os olhos de Zarco; mas vendo a impassibilidade d'este, creio que sentiu medo e olhou para as demais pessoas, como se procurasse entre ellas auxilio moral para a sua boa ou má causa.

Então viu-me, e uma leve côr rosada tingiu as suas faces.

Zarco sabiu emfim do torpor em que estava immerso, e com voz secca e dura como a vara da justiça, perguntou á sua antiga amada e actual noiva:

—Como se chama?

—Gabriella Zahara do Valle Gutierrez de Romeral, respondeu ella com voz maviosa e clara.

Zarco estremeceu ligeiramente.

—Covoeiro, abra esse caixão, continuou o juiz, e a senhora aproxime-se e diga se reconhece essa cabeça.

O coveiro destapou a caixa, que apresentou aberta á viuva. Gabriella, que havia dado alguns passos, fixou os olhos no interior da caixa, e a primeira cousa que viu foi a cabeça do prego destacando-se sobre o branco marfim da caveira.

Um grito atroador, agudo, mortal, como os que arranca um terror repentino, cu como os que precedem a loucura, escapou-se da garganta de Gabriella, que retrocedeu espantada, com os olhos desmedidamente abertos, murmurando:

--Affonso! Affonso!

E ficou inerte, como se de repente a rasão a tivesse abandonada.

—Reconhece pois a cabeça de seu marido? exclamou o juiz, erguendo-se com terrivel gesto, como se elle mesmo sabbisse da sepultura.

—Sim senhor, respondeu Gabriella machinalmente, com intonação e gesto proprios da imbecildade.

—Quer dizer que declara havel-o assassinado, continuou o juiz, com tal angustia na voz, que a accusada volveu a si, estremecendo violentamente.

—Senhor respondeu então, não quero viver mais; porém, antes de morrer, quero ser escutada, quero fallar!

Zarco deixou-se cabir na cadeira como um demente, olhando para mim como a perguntar-me:—Que irá ella dizer?

Eu estava tambem cheio de terror.

Gabriella ergueu a formosa cabeça, olhou de frente para todos, com aquelle seu olhar profundo e dominante como o de uma aguia encarando o sol, e fallou assim:

—Vou confessar o meu crime, e, na verdade, n'esta confissão consistirá a minha unica defesa, embora saiba que ella é insufficiente para me salvar do patibulo. Para que negar o que é evidente? Eu estava só com meu marido quando elle morreu. Os creados e o medico o declararam; por tanto, só eu pude dar-lhe a morte do modo que a sua cabeça o revelou sabido para isso da sepultura. Declaro-me pois authora de tão horrendo crime. Sabei, porém, que um homem me obrigou a commettel-o.

O seu nome, senhora; diga-me o nome d'esse desgraçado, exclamou Zarco com heroico valor.

Gabriella olhou para o juiz com fanatica adoração, como uma mãe poderia ter olhado para seu filho ou uma filha para seu pae, e accrescentou com melancolico acento, para que cada uma das suas palavras entrasse funda, como um estylete de amor e sacrificio, de dedicacão e heroismo, na alma de Zarco.

—Podia, com uma só palavra, arrastal-o ao abysmo em que me fez cahir; poderia leval-o ao cadafalso para que não ficasse no mundo maldizendo-me, e quem sabe... para desposar outra...; mas não quero. Calarei o seu nome, porque me adorou e porque o adoro loucamente, apesar de saber que não fará cousa alguma para impedir a minha morte.

O juiz, pallido como um cadaver, com os labios trementes e o olhar em fogo, estendeu os braços como se quizesse estreitar ao coração aquella mulher tão nobre, tão santa, tão heroica e tão sublime no alto do golgotha do seu amor, pelo qual sacrificara a vida e manchara as mãos em sangue.

Ella, porém, comprehendeu o perigo e lançou a Zarco um olhar sublime, d'estes que representam uma tragedia ou uma epopeia, como a dizer-lhe:—Vé que te perdes!

Zarco baixou a cabeça.

Gabriella continuou:

(Conclue no proximo numero).

ALFREDO GALLIS.

## PERFIS

### III

#### CLARA

(A Francisco Luiz Teixeira)

A Clarita era galante,  
Uma perfeita sereia,  
Porém, diziam na aldeia  
Que já tinha o seu amante...  
A Clarita era galante,  
Uma perfeita sereia...

Ou fosse falso, ou verdade,  
O padre cura sorria;  
Quando ao pulpito subia,  
Pregava moralidade...  
Ou fosse falso, ou verdade,  
O padre cura sorria.

E, em clara noite d'estio,  
Feita d'aroma e doçura,  
A linda joven fugiu  
E tambem... o padre cura...  
Em clara noite d'estio,  
Feita d'aroma e doçura.

LUIZ DA SILVA.

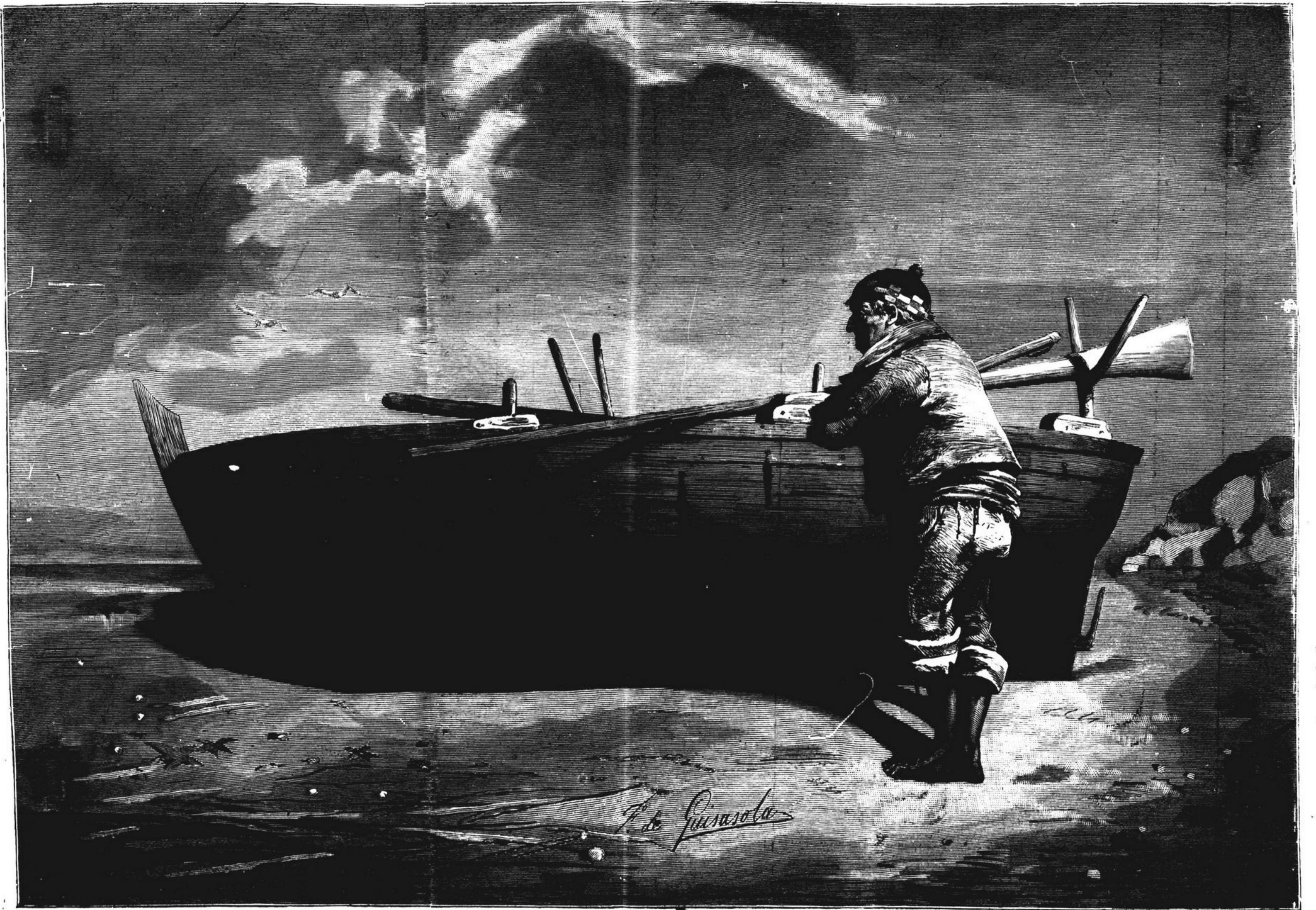
## AS NOSSAS GRAVURAS

AUGUSTO MAQUET

Falleceu no dia 10 de janeiro, no seu *château* de Sainte-Mesme (Seine-et-Oise) este illustre romancista e author dramatico francez, antigo collaborador d'Alexandre Dumas.

Augusto Maquet tinha 75 annos e nascera em Paris. Fez os seus estudos no collegio Carlos Maguo, onde, aos 18 annos, foi nomeado professor supplente.

A sua primeira obra theatral, um drama intitulado *Bathilde*, foi revista e emendada por Alexandre Dumas pae, que, desde



O PESCADOR

aquelle dia, fez de Maquet o seu principal collaborador, escrevendo com elle as obras seguintes, publicadas sob o nome de Dumas:

O Cavalleiro d'Harmenthal, os Tres Mosqueteiros, Monte-Christo, o Cavalleiro da Casa Vermelha, Uma filha do regente, a Dama de Montsoreau, Vinte annos depois, o Bastardo de Mauléon, a Guerra das mulheres, os Quarenta e cinco, o Visconde de Bragelone, José Ba'samo, o Collar da Rainha, Angelo Pitou, etc.

Esta collaboração durou até 1851.

Entre as obras pessoas de Maquet, citaremos a Formosa Gabriella e a Cisa do banheiro, que foram publicadas como romances e representadas no theatro.

\*

Uma anedocta a proposito de Maquet e Dumas.

Dumas esmagava, sempre que lhe apparecia ensejo propicio, a accusação de que as suas obras não eram feitas por elle, mas sim por Maquet e por outros.

Um dia, Alexandre Dumas fôra espirituozissimo, verdadeiramente scintillante, n'um jantar dado em sua honra.

—Bravo! diziam todos.

—Os senhores imaginam, observou então Dumas, que sou eu que tenho estado a conversar? Pois engana-se; é Maquet!...

#### PRAÇA DO COMMERCIO DE LISBOA

E' apontada como uma das mais bellas praças da Europa.

Tem vistas sobre o Tejo; cercam a extensas arcadas, que dão entrada para as secretarias d'estado, para a alfandega, tribunal do commercio, etc.

Ao centro ergue-se a famosa estatua equestre d'el-rei D. José, obra do escultor Joaquim Machado de Castro, e fundida por Bartholomeu da Costa.

Esta estatua mede, afóra o pedestal, trinta e um palmos e meio de altura. E' de bronze, e pesa oitenta mil seiscentos e quarenta arrateis. Foi inaugurada em 27 de maio de 1755, celebrando-se por essa occasião grandes festejos.

Na praça do Commercio desembocam as principaes ruas que vão entroncar com todas as demais da chamada cidade baixa.

Sobre a arcada da rua Augusta levanta-se o arco triumphal, obra que foi acabada nos nossos dias.

Sobre a sala do tribunal do commercio e a secretaria da guerra, levantam-se dois famosos torreões.

#### O PESCADOR

Descalço, com os cotovellos apoiados na amurada da sua barca, o velho pescador contempla, pensativo e tristonho, o mar embravecido, que o não deixou n'aquelle dia ir buscar o sustento da companheira e dos filhos sem pão.

Elle podia ter-se aventurado sobre as ondas revoltas, podia sentar-se ainda com forças para isso. Mas se uma vaga altaneira o engulisse, com barca, redes e tudo, o que seria, depois, da pobre viuva e dos filhinhos orphãos?

Eis o que elle pensa, na sua attitudo melancolica; eis porque o seu bote ficou ocioso, mirando o oceano, com a quilha meio enterrada na branca areia da praia.

#### MODAS

Damos hoje um esplendido modelo de chapéu, que, de certo, será adoptado por todas as nossas leitoras mais elegantes.

Eil-o:

Capota fantasia, de velludo preto, com a aba bordada de passamantaria de prata. Enfeita a copa uma magnifica pluma, formando penacho, escondendo-lhe o pé uma ferradura de prata oxidada. Duas fitas veem atar sob a barba, formando um grande laço.

Lindissime.

#### QUADRO INFANTIL

Quem não gosta de creanças e de as ver entregues aos seus folguedos?

A nossa gravura representa tres creancitas brincando, cu querendo fazer persuadir que se estão dedicando a algum trabalho util.

Esta explicação era certamente desnecessaria, mas os leitores estão costumados a que lhe descrevamos sempre as nossas gravuras, e não podíamos esquivar-nos a fazel-o.

## DIGNIDADE

I

A baroneza dançava n'aquelle noite mais do que o costume; parecia que qualquer pensamento a torturava e procurava esquecer-o na vertigem arrebatadora das valsas.

A um canto do salão, um rapaz alto, delgado, louro e vestido com correctissima elegancia, seguia com a vista a baroneza que, n'aquelle momento, encostada languidamente ao hombro do visconde de \*\*\*, fazia com que os seus pequeninos pés, calçados em primorosos sapatos de setim preto, cadenciassem uma admiravel valsa de Chopin.

Tinham acabado de soar os ultimos accordes d'aquelle deliciosa melodia e a baronezinha era conduzida ao seu logar; o visconde curvou-se com toda a distincção de um perfeito diplomata, ao que ella correspondeu com um breve sorriso um tanto desdenhoso. Então elle, movido pela curiosidade, formulou a seguinte pergunta:

—Diga-me v. ex.ª uma cousa: não notou que, emquanto dançavamos, aquelle rapaz que está junto da porta nos examinava com manifesta attenção?

Ella, como se esta pergunta a tivesse contrariado, mordeu imperceptivelmente os labios e respondeu apenas:

—Não sei a quem se refere...

—Como?... pois não sabe?!... Olhe, é aquelle que se está agora abanando com o *claque*; não vê?

—Bem vejo, mas não o conheço, nem mesmo reparei em tal...

—E' singular,—disse consigo o visconde;—e olhava a, como se quizesse ler-lhe no rosto o que se lhe devia passar no intimo da alma; mas a baroneza, aparentemente tranquilla, fazia voltar nas suas pequeninas mãos aristocraticas um magnifico leque de pennas de abestruz.

Em seguida a este curto dialogo, o visconde encaminhou-se para a sala de fumar e a baroneza ficou pensativa; momentos depois, abandonava o baile.

Emquanto ella, completamente entregue aos seus pensamentos, envolta na capa de arminhos e reclinada nos estofos da esplendida carruagem, seguia o caminho da sua residencia,—um elegante palacete situado n'um dos logares mais pittorescos de Lisboa,—o visconde, sentado em um *fauteuil*, saboreava um delicioso havano.

A um lado da sala, o conde de \*\*\* conversava com o rapaz a que já nos referimos e discutia com elle sobre a belleza das mulheres reunidas n'aquelle sumptuoso baile.

—Pois meu caro amigo,—dizia o conde,—permitta-me que lhe affirme que não sou da sua opinião: está muito longe de ser mademoiselle Bouillot a mulher mais bonita que se encontra n'esta casa e, com franqueza, v. ex.ª também não deixa de pensar assim... ora vamos lá... seja sincero: a mulher mais formosa é aquella encantadora valsista para quem v. ex.ª olhava com um verdadeiro enthusiasmo...

—Eu?!... O conde diverte-se comigo...

—Não é essa a minha intenção, mas o que o meu amigo não nega é que ella é realmente admiravel e que o impressionou...

—Confesso que é linda, mas o que lhe affianço é que é a primeira vez que a vejo e que nem mesmo sei quem ella seja...

—Então está exactamente como eu.

—Meus senhores,—disse de improviso o visconde que se levantára,—ignoram o que não deviam ignorar: a mulher que é objecto da conversação de v. ex.ª, é a baroneza de Campo Belo, uma das senhoras mais distinctas da nossa sociedade.

E deitava um olhar observador ao rapaz que discutia com o conde. Então aquelle, como se o incomodasse a presença do novo interlocutor, sahio da sala e foi sentar-se junto do piano onde Morin executava o minuet de Boccherini. Logo que elle acabou de tocar, levantou-se, atravessou o salão e pediu a um criado que lhe trouxesse o *pardessus*; cumprida a ordem, desceu a escadaria e mandou chegar a carruagem: quando, porém, ia a subir, deu com o pé n'um objecto... curvou-se para vêr o que era e reconheceu o leque de pennas de abestruz que a baroneza levára ao baile: apanhou-o e, sem mesmo saber o que fazia, levou-o aos labios, retirando-o immediatamente, como se o aroma de violeta que o leque exhalava o tivesse embriagado; então subiu para o coupé e, prostrado pela commoção, deixou-se cahir sobre os fofos coxins da carruagem.

—Se será Luiza?!—pensava elle,—Oh! se fosse!...

II

A baroneza acabava de entrar no seu *boudoir*: vinha pallida e os labios tremiam-lhe de desespero; descalçou phreneticamente as luvas, arrancou a capa dos hombros, atirou-a para cima d'uma



ottomana e começou a passeiar no quarto, dando mostras evidentes de uma grande agitação:

—Carlos no baile, olhando-me d'aquella fórma!... Parece incrível!... Carlos, a quem eu amava com loucura, abandonou-me por outra e tem a ousadia de me fitar!... E' assombroso!... Oh! se elle soubesse que ainda o amo, como se riria de mim!... Mas como me reconheceu elle? Estou tão mudada! Tenho vinte e cinco annos, n'aquelle tempo contava apenas dezeseis e, além d'isso, como pode elle saber que estou em Lisboa? Ah! bem sei... não era para Luiza Marques que elle olhava, era para a minha fortuna! Quer vender-se o miseravel!...

E a baroneza, cada vez mais inquieta, tinha as faces afogueadas, nos olhos scintillações de colera, e não conseguiu socegar em toda a noute: é que a baroneza tinha amado e ainda amava com todas as forças da sua alma.

No dia seguinte recebia a sua amiga intima, Alice Duval.

—Como estás pallida, Luiza! Passaste mal a noute?

—Não passei bem, não...

—Então porquê? Alguma noute perdida, um baile, não é verdade?

—Sim... um baile...

—Estás hoje reservada... respondes-me com um modo tão exquisito!... Esqueceste de que sou a tua unica amiga? Tens alguma cousa que me occultas?

—Perdô-me, Alice, esqueci por um momento a tua boa amizade... tenho, effectivamente, uma cousa que me desgosta... —e a baroneza encostava a cabeça ao hombro da sua amiga.

—Nunca te vi assim! Nem mesmo no dia em que soubeste da traição de Carlos!... Mas não me dirás o que tens?

—Ouve-me, Alice: se tu amasses algum dia com todas as forças do teu coração e soubesses que o homem a quem amavas te deixava por outra, o que fazias?

—O mesmo que tu fizeste: para mim, esse homem morria.

—Muito bem, mas se mais tarde encontrasses esse homem e elle olhasse para ti e te fizesse novamente a côrte?

—N'esse caso, não só elle tinha morrido, mas toda e qualquer lembrança que ainda, a seu respeito, podesse haver no meu coração.

(Conclue no proximo numero).

ADELINA SAMARA DE ALMEIDA.

## OS OCULOS VERDES

Leonardo exclamou, resolutamente:

—Está dito... caso com ella.

—Tul—redargui eu, cheio de concentrado desespero. Casares com a Elisa?! Tul... Repara bem, meu amigo; és um rapaz distincto e elegante; não tens a mais pequena mancha no teu nome, a mais leve coisa que te pese na consciencia. H-rdeiras ricas e illustres julgar-se-iam felizes, se as desposasses. E vaes casar com a Elisa, tul...

—E' negocio resolvido.

—Elisa, a famosa Lili dos bailes de mascaradas, a actriz galante conhecida por toda a Lisboa!...

—Sim, caso com ella.

—A peccadora gentil, a loira aventureira que dissipou a fortuna de vinte amantes, e que apparece em toda a parte onde se ceia bem e se rende culto ao amor!...

—Vé que estás sendo cruel!...

—E's um idiota!

—Serei, mas caso-me.

—E porque?

—Porque a amo, e por outra razão ainda.

—Qual?

—Porque ella tambem me ama—respondeu Leonardo gravemente.

Houve um momento de silencio, que eu interrompi, dizendo:

—Isso é differente. Se ella te ama, já a questão tem outro aspecto. Os corações podem muito bem purificar-se, e um amor profundo pode apagar não só a recordação das faltas, mas até as proprias faltas. O amor, lei divina, tem effecto retroactivo. Eu, no fim de contas, sou um velho romantico, e creio que Didier fez muito bem em perdoar a Marion Delorme. Mas estás certo de que ella te ama?

Leonardo fallou então muito depressa, com voz alegre, dizendo-me:

—Ha um anno, já enamorado d'Elisa, sentia que ella se ia

apossando do meu coração; e querendo fartar-me a isso, resolvi sair de Lisboa. Sali de sua casa, depois d'uma scena enternecedora, vagueei toda a noite por essas ruas como um doido, e firmei-me na minha resolução. Cem vezes tive tentações de voltar a vel-a e de lhe pedir que me perdoasse, mas resisti sempre. Quando cheguei a minha casa, esperava-me ali a Angela, criada de quarto de Elisa. Estava pallida e tremia.

—A senhora envenenou-se, disse-me ella.

—Envenenou se?!

—O medico salvou-a por milagre.

—Já tu vés...

—Se as coisas se passaram assim, meu caro Leonardo, —disse-lhe eu—é possível que ella te ame. Envenenar-se, porque tu a abandonavas, é uma prova d'amor; no entanto, não basta. Um suicidio provocado por um ataque de nervos, é coisa frequente. Desconfio sempre dos desesperos violentos; passam depressa.

Conheci uma rapariga que se atirou duas vezes ao Tejo, por causa de infidelidades que o noivo praticava. Pois quando este a levou de vez ao altar, soube que era o decimo quinto na lista dos namorados d'aquella mimosa pudica. E nota bem: desde o n.º 1 até ao 14.º, todos tinham sido mais felizes doque elle.

—Escuta-me, redargui Leonardo: Elisa escorraçou todos os seus galanteadores desde o dia em que nos amamos. Fez mais ainda: vendeu a carruagem, os cavallos, o piano, as toilettes ricas, os mil *bibelots* com que a tinham presenteado, compreendendo que tudo aquillo despertava em mim ciumes horribes. Quando, no anno passado, voltei da minha digressão ao Minho, encontrá-a vivendo n'uma casa modesta e trajando singellissimamente.

—E o que fez ella do producto da venda?

—Distribuiu-o pelos pobres.

—Sabes isso com certeza?

—Tenho provas.

—Homem, começo já a convencer-me! Renunciar, por um amante que não é bastante rico—porque tu não o és—ao luxo e à fortuna, é coisa, na mulher, parecida ao sacrificio! Mas apesar d'isso, não me dou por convencido. Qualquer pode arruinar-se, cedendo a uma loucura momentanea. Só creio nos sacrificios prolongados.

—Sim? Pois ouve: Elisa viveu assim durante oito mezes, trabalhando honestamente em chapéus e vestidos. A's minhas objecções, ás minhas supplicas para que aceitasse de mim os meios com que podesse viver d'outra forma, nada quiz aceitar, e trabalhava sempre, sempre. Ha tres dias, depois de constantes rogativas, consentiu em mudar-se para outra casa mais decente e em admitir de novo a Angela ao seu serviço, mas isto porque nos vamos casar dentro em pouco. No entanto, não deixa de trabalhar, e com o producto do seu trabalho, mandou já fazer a *toilette* de noiva.

—Creio emfim que és amado; creio. Mas tu hasde prometter-me que tentarás uma ultima prova.

—Que prova?

—Vaes saber.

Abri a gaveta da minha secretária e tirei d'ella uns oculos verdes.

—Vés estes oculos? Não são lá muito bonitos, com os seus aros negros e as suas lentes enormes e convexas, d'um verde opaco, de transparencia impossivel. Todos diriam que acabo d'arrancar-os ao nariz adunco d'um escrivão ou d'um agiota. Atravez d'elles não se vé nada, nem mesmo o olhar d'uma mulher. Qualquer pessoa que os ponha, tornar-se-ha ridiculo e grotesco.

Pois bem: consegue que a tua futura se exhiba com estes oculos n'uma friza, em S. Carlos.

—Estás brincando?...

—Não estou; fallo serio, o mais serio que se pode fallar.

Se é coisa extraordinaria que uma mulher se mate e renuncie ao luxo, o sacrificio, o verdadeiro sacrificio, o milagroso, o sublime, a prova irrefutavel, é que consinta em parecer feia, ainda que seja por um momento.

Estavamos assentados na primeira fila de cadeiras havia mais de uma hora; já se cantara o primeiro acto da *Gioconda*, e a friza em que Elisa havia de apparecer, conservava-se deserta. Leonardo levantava-se, tornava-se a assentar, erguia-se de novo, pallido, transtornado, e dizia-me d'istante a instante:

—Ha de vir, não penses que não; verás.

Abriu se emfim a porta da friza n.º 4, e Elisa entrou, muito envolvida em sedas e rendas, que mal deixavam distinguir-lhe o corpo. Trazia os famosos oculos verdes, com um valor que chegava até ao heroismo.

Vencido por aquella prova, exclamei:

—Casa te, meu amigo; casa-te. E's feliz!

Dias depois, recebi uma carta de Leonardo, em que este me dizia:



1797

MODAS

«Parto para Italia, e não voltarei mais a Lisboa. Não era Elisa quem nós vimos em S. Carlos; era Angela. A infame tinha mandado a creada em seu lugar!»

Passado um anno, Leonardo voltou e entregou-me os famosos oculos. Ponho-os de bom grado á disposição dos leitores que quizerem saber quantos pontos calça o amor das suas promettidas.

CASTOR.

## CAMILLO CASTELLO BRANCO

(Apontamentos para a sua biographia)

(Continuado do numero anterior)

«Devia antes perguntar quando senti a primeira ancia de trasladar do espirito vago, o intraduzivel, para as linhas de um soneto rithmadas pelos dedos. Isto creio que foi ahí nos meus nove annos, quando li, sem perceber-as, umas estancias dos Lusíadas. A musa, n'aquelle anhelante momento, ideou-se me á feição de uma graciosa menina da minha idade, de cabellos loiros e roupas alvissimas. Borboleteava-me aquella visão iriada de arvore para arvore, de flor a flor. Ia comigo ás margens da ribeira verdejar mais lindas as alamedas e as tranças dos salgueiraes. Povoava-me de alegrias as soledades que os moços da minha criação achavam tristes e abhorridas. Tristezas tambem eu as lá sentia; mas tão doces e descançadas, que nenhum dos mais serenos contentamentos da juventude poderam competir com ellas.

«Creio que tinha eu então entre os quinze e dezeseis annos. Seismava mais do que lia, e lia mais poetas que compendios escholares. Porém, que poetas eu conversei na minha infancia! O peculio das riquezas rithmadas que enthesourava a pequena bibliotheca da minha familia d'aquelle tempo, bibliotheca de padres, lá em cima da serra do Mesio, em Traz-os-montes, eram dois volumes de Bocage, um Camões, e umas trovas de não sei quem dispersas n'uns cinco tomos denominados «Miscellanea poetica.»

«Já então, e de muito antes, se liam e tomavam para molde as poesias de Castilho, Garrett e Herculano; avultavam já os Lamartinistas; balbuciavam os bardos novos aquellas meiguices e amaneirados dizeres, nunca ensaiados entre nós com tanta louçania como, poucos annos depois, os admiramos na pleiade de moços que, em Coimbra, escreveram o *Trovador*.

«Ora, eu, em 1842, não conhecia algum d'aquelles nomes, nem *aquellas montanhas, onde me fiz homem*, havia chegado livro de poeta, que merecesse enfileirar-se entre Bocage e um sermario de José Agostinho de Macedo, com o *Theatro dos Deuses* á esquerda, e o Fernão Mendes Pinto á direita, e as *Viagens de Cyro* por cima, e a *theologia do Lugdonense* por baixo.

«A mim me quer parecer que, se aos meus quinze annos, a fortuna me houvesse posto, não além no concavo da serra, mas em atmospha de letrados, de academias, de polithecas e livreiros, outras galas me ves'iriam o espirito, luzes mais precoces alumiariam o que quer que era escuro, em que a minha candida e loira musa andava como ás cegas. A natureza, por si só, não me ensinava senão aquillo que, desajudado da arte, pouco monta em poesia. O leitor, meamente authorisado em materia de versos, sabe que a muita arte dá fóros de copiosa veia á poesia, que só o é no methro e sae como tirada a forceps do espirito estrangido; ao passo que muita e mui espontanea fecundidade, se a esquadria da arte lhe não rege o derramamento, dispara em desharmonia, e desmancho tal que nem já propensão se concede ao rude poeta, que em pouco está fazer-se cultivissimo. Assim, pois, se me dessem para estudar, n'aquelle tempo os modelos que hoje, uns mais esquecidos que outros, ainda assignalam a passagem da eschola sem cubho proprio, para o ecletismo classico-romantico, de ver é que eu encontraria formas adequadas á mysteriosa poesia que ali se perdeu em selvagem tracto com arvores e penhascos.»

(AO ANOITECER DA VIDA).

A irmã de Camillo, a sr.<sup>a</sup> D. Carolina de Azevedo Castello Branco, que vive na sua casa de Villa Real de Traz-os-Montes, casara com um medico d'aquella villa.

«...era um medico, na flor da idade, com uns bellos olhos absorventes de luz, e a fronte grande a irradiar a em talento em

claridades de boa alma affectiva e devotada ás prodigalidades do bem-fazer. (A LIRA MERIDIONAL, critica ao livro de seu s'brinho Antonio.)

Esse medico, pai de tres filhos, Antonio, José, João, e duas filhas, chamava-se Francisco José d'Azevedo.

Falleceu a 25 de dezembro de 1867.

Nas DUAS EPICHAS DA VIDA ha uma poesia de Camillo offerecida a sua irmã Intitula se *Meditações*.

Transcrevemos tres estrophes que servem para concatenar, n'este ponto, a pagina da sua biographia edolçurada de um suave perfume de amor fraterno,—recordações do primeiro lar.

Correu-te a vida arroio bonançoso,  
Teu pranto não verteste em suas aguas:  
Ha lagrimas d'amor; mas não são magoas,  
Que nunca mais permittam ser feliz.  
Ha na terra um prazer, que não expira,  
Uma luz immortal d'eterno brilho,  
Amar um caro esposo, um terno filho,  
Sentir um santo amor, que ninguem diz.

Um filho, e acarinhá-lo, e comprimi-lo  
No seio delirante de alegria,  
E ouvir-lhe a voz de mãe, que balbucia  
Nos labios, que o prazer articulou.  
Depois, tenra vergontea, vêr-lhe as flores,  
E os fructos saborosos da candura,  
E um docil coração, e a crença pura,  
Que o nome de Jesus lá fecundou!...

E's mãe! que mais anceias cá na terra?  
Quando afagas teu filho, estremecida?  
As glorias e o prazer, que o mundo encerra,  
Não valem um sorrir do filho t u!  
Emquanto o vês, tenrinho, amar-te es beijos,  
Repara n'essa fronte luminosa;  
Exultará teu seio, mãe ditosa,  
Pois n'ella o brilho vês da luz do ceu!

O medico tinha um irmão, que era padre.

«Teria trinta e oito annos. Ainda o conheci não longe da mocidade. Um homem gentilissimo, as mais harmoniosas linhas e curvas de belleza varonil que ainda vi. Sempre nos olhos e nos labios as lagrimas e os sorrisos do coração compadecido ou exultante. Escasso de palavras. A reflexão em demasia escrupulosa apoucava-lhe os dons da eloquencia; mas, se era preciso sabir ao baluarte da sua Fé menoscabada por um voltaireano doutorado em Pigault-Lebrun, então sim, era facundo, traçava gestos grandiosos sem artificio, e até a voz se lhe timbrava extraordinariamente em tonalidades reprehensivas, mais insinuantes que os proprios argumentos dogmaticos.»

Tal era, descripto por Camillo, o padre Antonio d'Azevedo.

«Vivi dois annos com este prior. As nossas camas estavam no mesmo quarto. Ensinava-me latim e musica de canto. Elle era um bello barytono em cantares mysticos e tocava flauta—coisas classicas, talvez, lidas n'umas velhas solfas. A minha corda vocal nunca poudé graduar-se. Inclassificavel. Cantando a escala, quando chegava ao si, esganitava-me n'uma engasgação. A minha voz não se parecia com a voz de ninguem. Uma larynge que veio intempestiva para modular as melopeas incognitas da musica do futuro, balbuciada, ha pouco tempo, por Wagner. Desistiu-se de parte a parte pelo que respeitava ao lyrismo. No latim, andei melhor. Antes de saber traduzir o *Eutropio*, pronunciava correctissimamente a prosa e o verso. Padre Antonio fazia-me psalmejar com elle os versiculos do *Breviario*, alternadamente. Resavamos, ao romper d'alva, *matinas*, depois *laudes*, á noite *vesperas* e *completas*. Eu sabia de cor os *psalmos penitenciaes*, sem os perceber;—os dogmas da minha religião começavam pelo idioma;—porém, o prior, se eu lhe pedia, traduzia-m'os com unção e enfase, accentuando com um compasso de dedo no seu *Breviario* a separação dos versiculos para que eu entendesse a correspondencia litteral. Era prégador; mas raras vezes subia ao pulpito, fóra da sua igreja. Redigia todos os seus sermões: não usava expositores, e nunca os repetia. Tinha grande difficuldade em os decorar. Ser lhe-ia menos penoso improvisal-os:—aprendia-os á custa de eu lh'os reler. Afinal, recitava-lh'os inteiros, sem o papel, e elle, triste e desanimado, ainda balbuciava a primeira pagina.

Uma vez, prégava de S. Martinho, o orago da freguezia. Nunca lhe fóra tão rebelde a memoria. Os começos dos periodos era-lhe impossivel recordal-os. Foi eu tambem para o pulpito. Acocorei me no ultimo degrau. Fiz de ponto; e logo, ao segundo periodo que dizia: *Ninive entre as ingratas tribus que ao furor de Salmanaasar entregavam*, etc., o prior já não se lembrava da cidade maldita, nem do nome do impio tyranno conquistador de Israel. Vali-lhe com a minha geographia e com a minha historia, e d'ahi por diante correu tudo direito até as tres *Ave-Marias*, pelo mordomo e por outras jerarchias recommenlavéis.»

«Uma vidraça do nosso quarto não tinha portadas. Elle queria ver o repontar da aurora. Quando a lua nascia por alta noite,

eu acordava, ás vezes, e via-o sentado no seu leito, banhado de luar, rezando os doze mysterios, por umas contas monasticas. Depois, chamava-me. Rezavamos *matinas* com luz artificial. Iamos para a igreja. Eu tangia á missa e acolitava, pigando mais somno que devotas lagrimas. De volta do presbyterio, faziamos chá; depois, lia-se a versão de Alexandre de Garrett, os *Annaes da propagação da fé*, as *Noites de Jounq*, a *Miscellanea curiosa e proveitosa*, os *Lusiadas*, o *Teatro de los dioses*, as *Viagens de Cyro*, as *Peregrinações*, de Fernão Mendes Pinto, e a *Historia de Portugal*, por uma sociedade de inglezes.

«Passados muitos annos, dediquei lhe um livro — *O Bem e o Mal*. Quem possuir esta esquecida novella hypnotica, releia a dedicatória. Parece-me que ahí recordo esses fugitivos dias de innocencia e confiança na intervenção de Deus em coisas humanas. Umas trinta cartas que recebi do prior no transcurso de trinta annos, todas conservo. Aqui tenho uma escripta ha vinte um annos, agradecendo-me a dedicatória do livro.»

(A LYRA MERIDIONAL)

Após a dedicatória do romance *O BEM E O MAL*, encontra-se a seguinte carta de Camillo ao padre Antonio d'Azevedo:

«Meu amigo:

«Ha vinte e tres annos que eu vivi em sua companhia.

«Lembra-se d'aquelle incorrigivel rapaz de quatorze annos que ia á venda da Serra do Mesio jogar a bisca com os carvoeiros, e a bordoadada, muitas vezes?

«Esse rapaz sou eu; é este velho, que lhe escreve aqui do cubiculo de um hospital, muito visinho ao cemiterio dos Prazeres.

«Eu sou aquelle a quem padre Antonio de Azevedo ensinou principios de solpha, e as declinações da arte franceza.

«Sou aquelle que leu em sua casa as «*Viagens de Cyro*», o «*Theatro dos Deuses*», os «*Luziadas*», «*As peregrinações de Fernão Mendes Pinto*» e outros livros, que foram os primeiros.

«Sou aquelle que, sem saber latim, resava *matinas*, *laudes*, *terça*, *sexta*, etc, com padre Antonio.

«Sou, finalmente, aquelle a quem padre Antonio disse: — «O tempo ha-de fazer de você alguma cousa.»

«Passados vinte e tres annos, como eu acabasse de escrever o meu quadragesimo segundo volume, lembrou-me dedicar-lh'o, meu venerando amigo, e rogar lhe que peça a Deus por mim.»

«Li:boa, 22 de junho de 1863.»

O hospital, d'onde Camillo escrevia, muito visinho ao cemiterio dos Prazeres, era a casa de saude, do inglez Philippe Dart, ao targo do Monteiro.

ALBERTO PIMENTEL.

## EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

### Charada conimbricense

(Ao inclito chariadsta Matheus Junior)

A primeira horisontal  
Não é gaio nem gaivota;  
Anda muito perto d'ave  
Que não gorgoa uma nota.

A segunda horisontal  
Sem mistura nunca passa;  
Entram n'ella azeite e pó:  
E', sem duvida, argamassa.

E agora que dizer  
Da primeira vertical?  
E' um dito bem picante...  
Vê se em verso figurar.

A segunda vertical  
Vae sabel-a já, senhor:  
—E' sagaz negociante  
Ou tambem um mercador.

A primeira diagonal  
Pode ser até de linho;  
E' coisa que se observa  
Lá no mar em um barquinho.

Por outra diagonal  
Eu agora vou findar:  
—Ha palavras muito boas,  
Mas que podem enganar.

J. SOARES.

### Charadas Novissimas

- Inseto, medida e ave. — 1—1
- Deusa que mede uma linha. — 2—2
- Composição incommoda o poeta — 2—1
- Veja este animal com uma tira d'esparto. — 2—2
- Instrumento, vegetal e betume. — 2—1
- Na França esta mulher tem bonito nome. — 1—2
- Deusa achou aqui uma ligadura. — 2—1

Mon-ão.

JOAQUIM AUGUSTO C. RREIA

### Decifrações

DAS CHARADAS: V sivel.

C a l a c  
a d a b a  
l a g o a  
a b o i m  
c a a m a

DO LOGOGRIFHO: —Ma'stricht.

### Metagramma

Eu faço sempre a primeira,  
Dando ás gambias mui ligeiro,  
Para alcançar o gatuno,  
Que me roubou o dinheiro.

Que esta-segunda deslisa,  
Não o duvida o leitor:  
Pois já n'ella se fizeram  
Ternos idyllios d'amor.

'stá por dentro do casaco,  
Do Metagramma a terceira,  
Por isso que pode ser  
De baêta ou de mad'ira.

Para aquecer o toutiço  
Serve a quarta no inverno;  
Embora a brisa se chame  
Meiga rival de galerno.

Este nome tem a quinta,  
Quando a lymphá sonora  
Vên n'um impeto molhar  
As saias da t'a Rosa.

Na sexta vê-se cabeça  
Pouco alto, arredondado,  
Ou monte, que tambem é  
Por outro nome chamado.

Se na setima o leitor  
Vê do grego, calo duro,  
Especie d'alho vulgar  
Que vegeta em qualquer muro;

Pode, enfim, n'esta oitava,  
Descobrir bem agachado,  
Arteiro, fino e manhoso  
Como a raposa atilado! — 2

Vizeu.

PEQUENO ANTONINHO.

UM CONSELHO POR SEMANA

ACÇÃO DO CAFÉ NO ORGANISMO

E tão commum o uso do café, que convem conhecer os seus effeitos no organismo, objecto de controversia, em que indubitavelmente exerce influxo a paixão dos afeiçoados a esta bebida. Assim, alguns supõem que o café estimula a circulação e facilita uma secreção da mucosa gastrica. Outros, pelo contrario, e estes são em maior numero, sustentam a opinião de que atraza os movimentos do coração, augmenta a tensão das arterias e dilata a pupila.

As experiencias feitas por Leven demonstram que o café produz a anemia do estomago, retarda a digestão e origina facilmente a dyspepsia. Alguns medicos inglezes asseguram tambem que do abuso do café e do chá nascem frequentemente a gastralgia, a dyspepsia e outras alterações do systema nervoso.

O assucar, pelo contrario, opera de um modo totalmente opposto ao café e é uma substancia muito propria para a digestão, que pode servir de medicamento para curar a dyspepsia.

Em resumo: convém tomar o café claro e bem assucarado, que, embora não seja tão aromatico e agradavel para os afeiçoados, é, em compensação, mais vantajoso para a saude.

A RIR

N'um baile:

—V. Ex.<sup>a</sup> tem um irmão, não é verdade?

—Sim, minha senhora.

—Um só?

—Só um.

—E' notavell! Perguntei ha pouco a sua irmã quantos irmãos tinha, e ella respondeu-me:—tenho dois!

A esposa de Calino permite a sua filha a leitura de romances. Unicamente lhe faz esta recommendação:

—Saltarás as linhas que tive o cuidado de sublinhar!



QUADRO INFANTIL

**HISTORIA DE ROMA**

POR

**VICTOR DURUY**

TRADUÇÃO DE

**MANUEL PINHEIRO CHAGAS**

O immenso successo que obteve em Portugal e Brazil a traducção da **Historia de França**, de Henri Martin, revelou-nos o entusiasmo que o publico está mostrando pelas grandes obras historicas, e por isso nos abalançamos á publicação da **Historia de Roma**, de Victor Duruy, a obra mais importante que até hoje tem apparecido na Europa.

Todos, mais ou menos, conhecem o nome do grande historiador francez e teem noticia d'este seu trabalho monumental.

A **Historia de Roma** será adornada com

**300 PRIMOROSAS GRAVURAS,**

sendo 150 de pagina inteira.

O formato será in-4°, o mesmo da **Historia de França**; o papel de superior qualidade, e o typo completamente novo.

Sairá aos fasciculos quinzenaes de 32 paginas, com cobertura de cor. Custo de cada fasciculo—**120 RÉIS.**

**Escriptorio—Travessa da Queimada, 35, Lisboa**